

Eleições 2010

Perfil

Marina Silva, candidata do PV à Presidência da República

Para decidir sob pressão, calma e firmeza de princípios

Candidata verde valoriza opiniões técnicas de especialistas, cautela e persistência

Catarina Alencastro

• BRASÍLIA. A acreana que já sobreviveu a três hepatites, cinco malárias e uma leishmaniose pode parecer frágil. Mas, na hora de bater o pé, vai até o limite. Nascida Maria Osmarina há 52 anos, Marina Silva, a senadora que disputa a Presidência pelo PV forjou seu jeito de lidar com problemas e de administrar uma máquina. Desde que assumiu o Ministério do Meio Ambiente em 2003, Marina cercou-se de especialistas, para consultá-los exaustivamente antes de formar sua opinião. Quando não havia consenso, adiava a discussão para amadurecer o assunto. Definida sua posição, tentava convencer o presidente Lula — na maioria dos embates que teve, não deu muito certo. Com essa mistura de cautela e persistência, Marina espera conquistar votos e, quem sabe, chegar a um segundo turno.

O terceiro lugar nas pesquisas não a assusta. Marina já enfrentou eleições mais duras. Como a primeira, que disputou em 1986.

— Não tínhamos estrutura. Era na força e na coragem. A gente fazia o programa eleitoral ao vivo. Éramos eu e Chico Mendes, um minuto e trinta segundos para ele, e trinta segundos para mim. Eu falava igual metralhadora giratória para tentar dizer alguma coisa. Parecia o Enéas — lembra.

Eleita a senadora da República mais jovem do país, aos 36 anos, em 1994, Marina assumiu seu primeiro grande desafio em gestão pública quando se tornou ministra de Lula, em 2003. Testou poder de administração, negociação e resistência, além de enfrentar os maiores embates de sua vida pública.

Choro em reunião

• Logo foi obrigada a engolir a liberação da produção e comercialização de produtos transgênicos no país. Ela vinha se posicionando contra desde a primeira sinalização do governo em favor do tema, em 2003, quando Lula deixou a cargo do vice José Alencar a tarefa de editar, às vésperas do Dia da Árvore, uma Medida Provisória autorizando a venda da safra de transgênicos daquele ano.

Em março de 2005, após a aprovação do Congresso, Lula sancionou a lei que liberava definitivamente a produção de organismos geneticamente modificados. Na reunião prévia à sanção, com a presença de outros ministros, Marina chorou.

— Foi um período extenuante, exaustivo. Em algum momento, ela chorou. Mas não foi choro de coitadinha, foi um desabafo pelo estresse que estava sentindo — conta João Paulo Capobianco, coordenador-executivo da campanha de Marina e um dos principais assessores da ministra à época.

Outro momento difícil para Marina foi o licenciamento ambiental das hidrelétricas do Rio Madeira (Santo Antônio e Jirau). Ela e “a mãe do PAC”, Dilma Rousseff, então ministra da Casa Civil e hoje sua adversária na disputa presidencial, entrincheiraram-se em campos opostos pela primeira vez.

Pressionado para liberar as obras, o Ibama pediu complementações aos estudos de viabilidade ambiental e explicitou o temor de que 463 espécies de peixe fossem extintas. Lula se irritou com os atrasos e disse que “jogaram o bagre no colo

do presidente”. Marina manteve-se firme em sua opinião.

— Marina não negocia seus princípios. O juramento que fez ao assumir o ministério foi não passar por cima das leis. Com o PAC, ela ficou numa situação difícil, de fazer as coisas andarem depressa e, ao mesmo tempo, manter o rigor legal — afirma Thelma Krug, pesquisadora do Inpe e então secretária Nacional de Mudanças Climáticas do Ministério do Meio Ambiente.

Quem trabalhou com Marina diz que ela não desiste facilmente e, embora firme nos argumentos, não perde a calma.

— Ela sempre marcou suas posições. De forma enérgica, algumas vezes. Mas nunca a vi perder o controle. Ela sempre procurava minimizar as perdas

dentro do governo — contou Adriana Ramos, coordenadora da Iniciativa Amazônia do Instituto Socioambiental (ISA).

Menos de um ano após a liberação dos transgênicos, Marina conseguiu convencer o presidente Lula a assinar o Protocolo de Cartagena, que obriga os países a explicitarem no rótulo dos produtos a presença de substâncias transgênicas.

Capobianco, considerado o braço direito de Marina, lembra

que ela não fugia de uma boa briga. Quando percebia que não tinha persuadido Lula e seus colegas ministros sobre um certo tema após longa reunião, era comum voltar ao ministério e engatar outra reunião para “reformular” os argumentos e preparar um contra-ataque.

— Marina toma decisões depois de ouvir bastante, é muito consultiva. Quando era ministra e as discussões estavam polarizadas, metade contra, meta-

de a favor, parava, suspendia a reunião para continuar no dia seguinte — lembra Thelma.

As divergências no governo foram se acirrando no fim do primeiro mandato. A relação de confiança com Lula pesou para que continuasse. Aos poucos, as derrotas começaram a ficar mais numerosas que as vitórias. Em 2008, pouco depois da solenidade de apresentação do Plano Amazônia Sustentável (PAS), que previa ações para alavancar a economia da região Norte, deixou o governo.

O programa, idealizado pelo Ministério do Meio Ambiente, ganhou um adendo que o desfigurava, na visão dela: previa a regularização fundiária na Amazônia, perdendo grileiros e doando 67 milhões de hectares

“

Em algum momento, ela chorou. Mas não foi choro de coitadinha, foi um desabafo pelo estresse que estava sentindo

João Paulo Capobianco, coordenador da campanha de Marina e ex-assessor no ministério

Marina não negocia princípios. O juramento que fez ao assumir o ministério foi não passar por cima das leis. Com o PAC, ficou em situação difícil, de fazer as coisas andarem e manter o rigor legal

Thelma Krug, pesquisadora do Inpe

de terras. A ideia, do então ministro da Secretaria de Assuntos Estratégicos Mangabeira Unger, foi tão apreciada por Lula que ele deu a Mangabeira a coordenação do plano.

Com assessores, oração matinal

• Marina só foi avisada minutos antes da solenidade de lançamento do PAS, em reunião entre Lula e autoridades envolvidas em seu gabinete. Interlocutores da Presidência contam que Marina, ao ouvir a decisão, não disse nada. Baixou a cabeça, acusando a derrota.

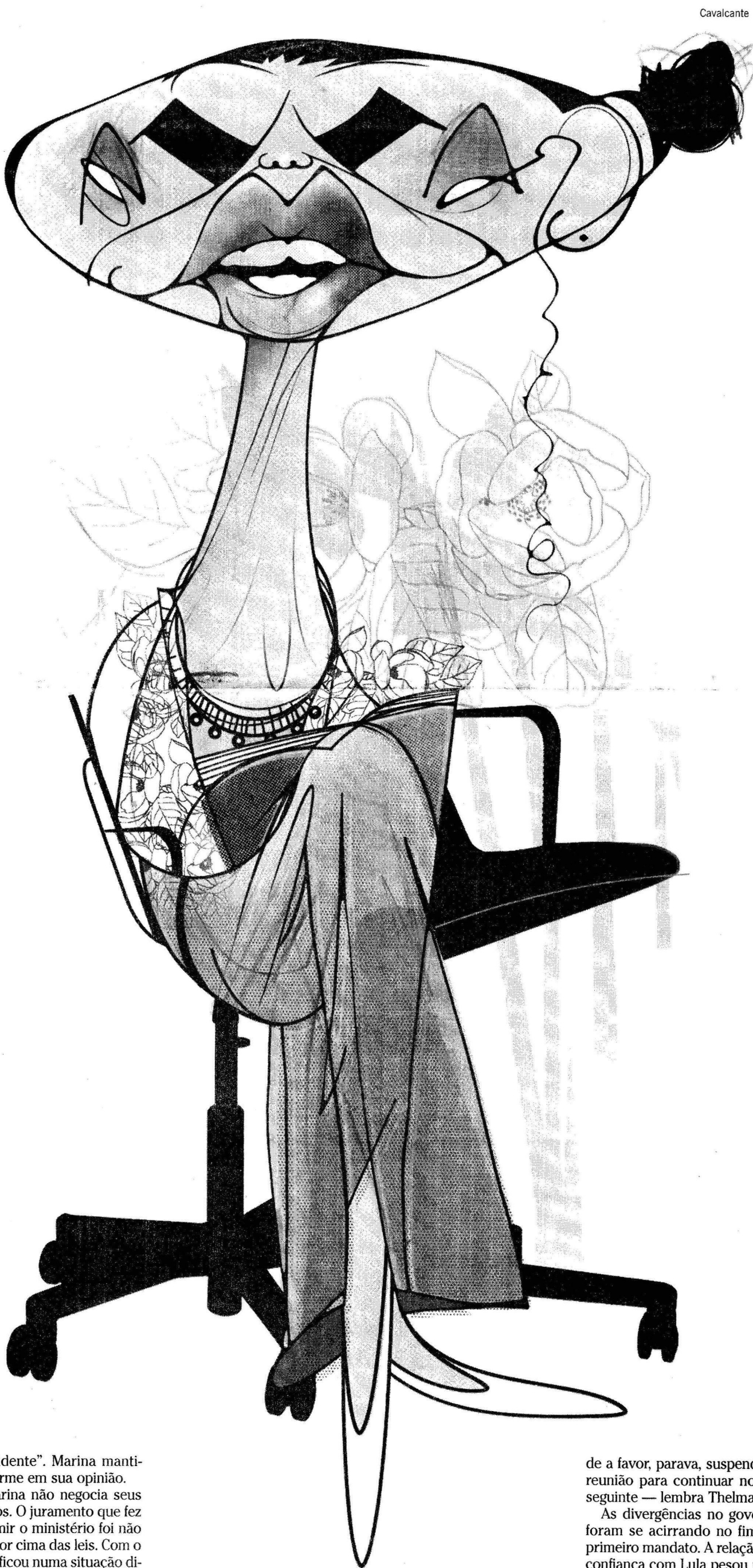
— Foi uma pressão muito grande. Se fosse eu, tinha saído bem antes. Mas ela segura bem as pressões — pondera Ivaneide Bandeira, coordenadora de projetos da ONG ambientalista Kanindé e ex-conselheira do Conama (Conselho Nacional do Meio Ambiente).

— Marina tem um jeito peculiar de lidar com disputas, um jeito muito feminino. Teve vários embates no governo, mas sempre esteve muito tranquila — observa Cláudio Langoni, consultor ambiental que foi o número dois no ministério de Marina por quatro anos.

Ele diz que a acreana não é centralizadora e gosta de ouvir todos os lados da questão, antes de tomar sua decisão.

De volta ao Senado, Marina passou a ser cortejada pelo PV para se lançar candidata à Presidência, que antes dela (que oscila entre 9% e 12% nas pesquisas) nunca passou de 0,5% das intenções de voto. Trocou o PT pelo PV e partiu para a campanha.

Missionária da Assembleia de Deus, maior igreja pentecostal do país, ela cogitou ser freira na adolescência. Superada essa fase, casou, separou e casou de novo, dando à luz quatro filhos. No ministério, reunia assessores próximos em uma roda de oração às 7h. Embora diga que não goste de ser tachada como religiosa xiita, é totalmente contra o aborto, inclusive de fetos anencéfalos (que nascem sem cérebro e têm poucas chances de sobreviver fora do útero). ■



Cavalcante